

O LÉXICO TOCANTINENSE NAS OBRAS “SERRA DOS PILÕES: JAGUNÇOS E TROPEIROS” E “MANDINGA”

Fernanda de Oliveira Eduardo (UFT)

nandaoliedu@gmail.com

Ana Claudia Castiglioni (UFT)

anacastiglioni@hotmail.com

RESUMO

Neste trabalho, apresentaremos os aspectos do léxico da língua local expressos nas obras “Serra dos pilões: jagunços e tropeiros”, de Moura Lima, e “Mandinga”, de Liberato Povoá. Relacionamos aspectos lexicais e da literatura com o objetivo de investigar suas contribuições para a construção cultural do estado do Tocantins através do inseparável, literatura e palavra, apontando para a identidade da literatura local também por meio do vocabulário utilizado nas obras. Serão apresentadas 14 unidades léxicas de cada obra, organizadas em dois quadros, com o objetivo de demonstrar, por meio dessa amostragem, um pouco do falar do estado em questão. Tivemos como base o glossário presente na obra de Moura Lima, a partir dos significados dispostos no Dicionário Tocantinense de termos e expressões afins e com a indicação da marca de uso presente nos verbetes do dicionário Houaiss versão eletrônica. Durante a pesquisa que deu origem ao artigo foram levantadas 223 unidades lexicais consideradas comuns na fala dos tocantinenses, classificadas pelo dicionário Houaiss, em alguns casos, como regionalismo Brasil, ou seja, brasileiro, e regionalismos especificando por estados como exemplo, Pará, Pernambuco, Piauí, Goiás, entre outros.

Palavras chaves:

Léxico. Literatura. Tocantins.

1. *Introdução*

A literatura e a palavra são indissociáveis, confirmamos isso quando lembramos que uma das definições mais populares da literatura é: a literatura é a arte da palavra. Partindo desta premissa consideramos o léxico tocantinense em suas literaturas de formação; “Serra dos pilões: jagunços e tropeiros”, de Moura Lima, e “Mandinga”, de Liberato Povoá. Neste trabalho apresentaremos os aspectos do léxico da língua local expressos nessas obras pioneiras do mais novo estado da federação, o Tocantins. Relacionamos aspectos lexicais e da literatura com o objetivo de investigar suas contribuições para a construção cultural desta região através do inseparável, literatura e palavra, apontando para a identidade da literatura local também por meio

do vocabulário utilizado nas obras. Para isso, investigamos o léxico, que segundo Teixeira:

O léxico é o nível [...] que melhor representa o saber de um grupo sócio-linguístico-cultural, pois representa a via de acesso para ver e representar o mundo, deixando, portanto, transparecer os valores, as crenças, os hábitos e os costumes de um grupo social do qual o indivíduo faz parte. (TEIXEIRA, 2015, p. 65)

Na pesquisa que deu origem a este trabalho, com a finalidade de estudar as unidades léxicas utilizadas nas obras literárias tomadas para análise, fizemos um levantamento dos aspectos da teoria literária, conceitos e definições especificamente da literatura na antiguidade e das características da formação da literatura brasileira, como o movimento binário de sua produção no novo mundo, que ora obedecia a padrões eurocêtricos, ora deseja afirmasse de modo genuinamente brasileiro desprendendo-se dos moldes estabelecidos pelo colonizador.

Neste trabalho, apresentamos 14 unidades léxicas de cada obra, organizadas em um quadro, com o objetivo de demonstrar por meio dessa amostragem, um pouco do falar do estado em questão. Tivemos base o glossário presente na obra de Moura Lima, a partir dos significados dispostos no *Dicionário Tocantinense de termos e expressões afins* e com a indicação da marca de uso presente nos verbetes do dicionário Houaiss versão eletrônica. Durante a pesquisa foram levantadas 223 unidades lexicais consideradas comuns na fala dos tocantinenses, classificadas pelo dicionário Houaiss, em alguns casos, como regionalismo Brasil, ou seja, brasileiroismo, e regionalismos especificando por estados como exemplo, Pará, Pernambuco, Piauí, Goiás, entre outros.

2. Representação Regionalista Literária no Tocantins

O Estado do Tocantins foi desmembrado do Norte do Estado do Goiás no fim década de oitenta em 1988. As produções literárias do estado referidas neste trabalho, seguem a mesma tendência da literatura nacional, que se comprometeu a contar-nos nossa história. Este processo de separação acaba por agir de forma semelhante ao período de independência do Brasil, onde as criações estavam voltadas para construção do patriotismo, de valorização do nativismo, desta forma no Tocantins o sentimento era de criação de identidade e valorização da cultura popular do estado.

Chamamos essas literaturas analisadas de literatura formação, pois foram as pioneiras após a emancipação do estado. Sendo *Serra dos pilões: jagunços e tropeiros*, de Moura Lima, publicado em 1995, sete anos após emancipação, e *Mandinga* de Liberato Povoá, em 1998. Além disso, regional pelo caráter representativo dos personagens, da exposição do modo de falar, da descrição das paisagens, compromissadas com expressão local, que segundo Cruz,

[...] ganham relevância na medida em que pelos incorporados e pela forma como são representados fundam um novo discurso de feição peculiar, fundado na história local e no universo mítico-folclórico de onde emanam as lendas, os mitos, as crenças, as festas populares, na riqueza ecológica de suas serras, vales, montanhas, rios na variedade da fauna e na pluralidade de seus tipos humanos como vaqueiro, o curandeiro, a parteira, a mandingueira, o jagunço, o fazendeiro (...) (CRUZ, 2008, p. 59)

O novo estado apropriou-se de suas tradições mítico-folclóricas, mitos e lendas, crenças e superstições, e do registro documental da língua para alegorizar a literatura local. Os autores usam da licença poética e ainda ressaltam característica dos romances regionais brasileiros, valorizando a forma de falar e viver do antes goiano, agora tocantinense, pertencente ao norte do país. Sobre isso, Cruz relata:

[...] o aproveitamento literário da linguagem dialetal da região na tentativa de demonstrar que os escritores, ao desviar-se da língua literária culta buscam se auto-afirmar como autores contemporâneos revelando que as expressões populares, assim como a linguagem carregada de erros de grafia e concordância, ao contrariarem a norma gramatical, estão presas a um grau zero de norma e refletem a relação da linguagem com a terra. (CRUZ, 2008, p. 7)

Aqui nos utilizaremos do conceito verossimilhaça, os autores o fazem intencionalmente, pois as palavras e expressões utilizadas foram propositalmente escolhidas para expressar o modo de falar do homem da região, além de ser uma ligação que a obra estabelece com o leitor nativo.

A fala dialetal, o coloquialismo, a descrição de costumes e a manutenção das tradições são características inerentes às obras analisadas da literatura tocantinense. Entendemos esta descrição como conservadorismo da cultura primária da região, e também a documentação da cultura local. Além disso, demonstra a preocupação dos autores com a preservação dos hábitos, como o modo de falar, que já não vemos com tanta frequência nos dias de hoje, num momento que vivemos da comunicação instatânea,

fomentada pelas redes sociais e tecnologias, onde um novo léxico se configura.

3. Regionalismo e Brasileirismos

No centro da discussão sobre regionalismo e brasileirismo estão principalmente as definições encontradas nos dicionários para as lexias catalogadas como brasileirismo. A questão gera algumas dúvidas quanto a legitimidade dessa definição.

Vejamos como Ferreira define regionalismo e brasileirismo: “re.gi:o.na.lis.mosm. **1.** Locução peculiar a uma região, ou regiões. **2.** Defesa de interesses regionais, ou valorização, nas artes, dos elementos e costumes próprios de uma região geográfica.”(FERREIRA, 2007, p.692).” bra.si.lei.ris.mosm. **1.** Palavra ou locução própria de brasileiro(2). **2.** Modismo próprio da linguagem dos brasileiros. **3.** Caráter distintivo do brasileiro e/ou do Brasil” (FERREIRA, 2007, p.187).

Para entendermos melhor este impasse do léxico brasileiro, citamos o estudo referencial da tese de doutorado de Ana Maria Pinto Pires de Oliveira, *O português do Brasil: brasileirismos e regionalismo (1999)*. Pesquisa orientada por Maria Tereza Camargo Biderman, que resumidamente verificou lexias de utilização unanime e regional brasileira. Para examinar estes itens a pesquisadora se utilizou da classificação de brasileirismo presente do dicionário de Ferreira, Novo Dicionário da Língua Portuguesa, de 1994. Finalizando com uma exposição de 400 lexias catalogadas com brasileirismo para análise. Ao fim desta pesquisa concluiu-se que há falhas nos levantamentos de brasileirismo, por muitas vezes considerado impreciso na definição utilizada. E mais “a não especificação dos critérios empregados pelo lexicografo na categorização desses fatos linguísticos” (OLIVEIRA, 1999, p. 337). Vale ressaltar a relevância desse estudo como proposta para a revisão destas classificações, para estabelecermos de vez a distinção entre regionalismo e brasileirismo.

Em artigo anterior a tese, Oliveira já levanta questões sobre as formações do regionalismo e brasileirismo, levando em consideração todos os fatos de formação do léxico brasileiros já comentados em nosso estudo ela infere que:

Cabe assinalar que é no âmbito do léxico que verificamos com maior nitidez a deriva da língua, ou seja, as tendências já contidas no sistema, bem como as mudanças referentes a seu caráter dinâmico, mudanças essas que passam, num primeiro momento, pela esfera lexical. Foi precisamente nesse nível linguístico que mais se fizeram sentir as influências das línguas indígenas e africanas. Tais influências registradas no léxico podem ser verificadas em referentes do mundo físico e do universo cultural próprios de nossa sociedade. Nesse léxico diferenciado podemos perceber a presença de vocábulos e de expressões características do uso brasileiro, que podem ter sido usadas em Portugal, em outras épocas, ou ainda sejam empregadas, todavia com uma semântica diversificada. (OLIVEIRA, 1998, p. 11)

Apesar da publicação recente do Atlas Linguístico do Brasil (2014) notamos ainda a pouca referência feita à ele nas obras lexicográficas de língua geral, fato que, se ocorresse, certamente resolveria muitos dos impasses mencionados já há alguns anos por Oliveira.

4. Regionalismo nas obras analisadas

Para determinar esse regionalismo nas lexias analisadas nos valermos de levantamentos realizados no *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, de Antônio Houaiss, do ano de 2006. Como exemplificamos acima teremos certas dificuldades em classificar as palavras do léxico tocantinense, pois retornaremos ao impasse do regionalismo e brasileiro para identificá-las. Já adiantamos que tanto na obra de Moura Lima, quanto os estudos de Cruz em “Serra dos pilões: jagunços e tropeiros” e “Mandinga: uma literatura de formação do Tocantins”, há glossários referentes as obras e recorreremos a eles quando necessário e ao *Dicionário tocantinense de termos e expressões afins*, de Liberato Povoá. A partir daí iremos adiante com os estudos que dispomos sobre o léxico tocantinense nas obras “Serra dos pilões: jagunços e tropeiros” e “Mandinga”, de Moura Lima e Liberato Póvoa transpuseram para as páginas dos seus romances o extraordinário acervo de expressões regionais, modismos linguísticos, ditados populares que, de uma forma ou de outra ajudam a singularizar as imagens do sertão tocantinense.” (CRUZ, 2008, p.109)

Como obras de formação do Tocantins as obras analisadas revelam os traços de sua origem, através de seus enredos cheios de marcas linguísticas, onde os autores documentaram a realidade, tanto da fala, quanto da cultura tocantinense.

Da perspectiva feita por Nascentes, dividindo o país em falares e

subfalares, o Tocantins ficaria situado no falar do Norte, situado uma parte no subfalar amazônico e outra nos subfalar nordestino. Presumimos destes subfalares que o falar do tocantinense tem as influências do Norte e do Nordeste do país.

Outra questão levantada no início deste estudo refere-se à obtenção de unidades lexicais a partir das obras de formação do Tocantins. Já que há distinção entre a língua falada e a língua literária como nos esclarece Huddinilson Urbano em *Oralidade na literatura: o caso Rubem Fonseca*, afirmando que a língua literária é artificial, já que ela está a mercê das escolhas estilísticas do autor, não tem a dinamicidade da língua falada e para o autor (2000, p.129),

A artificialidade patenteia-se, em primeiro lugar, por ser uma língua “escrita”, condicionada, pois às técnicas próprias da língua escrita; passa depois pela estruturação narrativa planejada e termina por uma linguagem estilizada. Os diálogos, por exemplo, que na língua falada espontânea diária nascem e se desenvolvem muitas vezes ao sabor das situações e alheios à vontade dos falantes, têm, na língua literária, sempre propósito definidos pelo autor/narrador, embora dando uma ilusão contrária. (URBANO, 2000, p.129)

Além disso, a característica autotélica da literatura, e também sua função poética a separa dos usos gerais da língua, a difere da língua do dia-a-dia, que tem uma função utilitária diferente da função encarregada da língua literária. “Como língua escrita, vê-se ela, pois, a braços com as restrições técnicas que o canal escrito impõe” (URBANO, 2000, p.129).

A partir destas colocações, tomaremos como fundamentos duas perspectivas, uma da teoria literária, quando Cândido fala do caráter documental da língua pelas obras regionalistas. “o regionalismo teve aspectos positivos, como destacar as culturas locais, com seus costumes e linguagem.”(CANDIDO,1999, p.66) e a outra de obtenção de léxico dialetal, para a divisão dos falares regionais, sobre isso Isquardo afirma (2006)

Enfim, a organização de uma grande base textual informatizada reunindo: obras da literatura, sobretudo, regional produzidas em todas as regiões brasileiras, estudos monográficos sobre vocabulários regionais, em especial os oriundos de pesquisas acadêmicas produzidos no âmbito da pós-graduação; dados da língua oral, coletados também nas diversas regiões do Brasil [...] (ISQUERDO, 2006, p.456)

5. Cultura

A língua é um aspecto cultural que nos distingue, ou que nos define como comunidade, talvez o aspecto mais importante de todas as expressões culturais de um povo. Tomaremos como conceito a definição de cultura de Geertz 1978.

A cultura é mais bem vista não como complexos padrões concretos de comportamento – costumes, usos, tradições, feixes de hábitos -, como tem sido o caso até agora, mas como um conjunto de mecanismos de controle – planos, receitas, regras, instruções, (o que os engenheiros de computação chamam de ‘programas’) – para governar o comportamento. (GEERTZ, 1978 *apud* CALDAS, 2008, p. 14)

De acordo com Geertz (1978, *apud* CALDAS, 2008) a cultura está estreitamente ligada ao nosso modo de vida. Isso fica bem mais evidente quando analisamos a origem desse nome, que vem do latim *colere* significa cultivar, ou seja, explícita o modo como guiamos nossa vida. Para o senso comum, isso é o que queremos para nós, intuitivamente, com a ação de cultivar.

A cultura atua como uma bússola guiando-nos no agir e para onde ir, uma íntima ligação com o ser humano. E por estar relacionada a toda ação humana, podemos dizer que a cultura é a mais antiga e necessária produção oriunda do comportamento humano. Como afirma Caldas (2008, p. 12), “sem essa grande obra, o que seríamos? Não é possível imaginarmos nosso destino”. Tudo o que conhecemos é fruto da cultura.

Ao longo da história podemos notar transformações em quase tudo o que conhecemos. Presenciamos também diferenças quando nos deslocamos de uma região para outra. Essas transformações ou mudanças dão-se por que nenhum ser humano é igual e, quando um grupo se reúne para viver em sociedade, emerge uma especificidade geral daquele determinado grupo. “É por meio da cultura que uma comunidade se constitui, integra e identifica as pessoas e lhes dá o carimbo de pertinência, de identidade” (SALLES *et al.*, 2004, p. 40).

Nesse contexto de diversidade individual, diversidade coletiva, intercâmbio mutualístico entre as diferenças, fica evidenciado que nós, enquanto sociedade, dispomos de uma infinidade de culturas e identidades. Assim, cada povo dispõe de mais de uma cultura, ou seja, é caracterizado pelo multiculturalismo, no entanto se constituem por suas especificidades. Outras culturas atuam em nossas vidas e discursos.

6. Língua, identidade e cultura

A língua é um fator importante para nos distinguir como indivíduos pertencentes a determinado país, estado ou comunidade. Apesar de nos primeiros estudos da língua viabilizados por Saussure a língua ser entendida como sistema homogêneo de signos, muitos avanços ocorreram sobre a funcionalidade da língua até a atualidade, considerando o contexto social do falante, o espaço histórico, entre outras concepções. É inviável estudar a língua, os aspectos da fala, sem conectá-la diretamente ao falante, o agente da língua e, mais impensável ainda, falar desse agente sem pensar o seu contexto social.

O indivíduo é permeado de várias esferas, históricas, geográficas, econômicas e sociais e essas esferas se configuram representativamente entre Linguagem e Cultura, e transparecem no indivíduo através do seu comportamento, respeitando as regras de convivência social por exemplo. Assim, a cultura o torna apto às convivências sociais e por fim este sujeito adere a uma personalidade que o distingue dos demais, o identifica, construído esta identidade através da cultura.

Daí deduz-se que uma ligação intrínseca entre linguagem e cultura, pois o comportamento fluído da língua mobilizado pelo falante é uma característica essencial das relações sociais e culturais. Sendo a língua aderida, reproduzida por componentes de uma mesma comunidade ou região, essa língua será característica desta região, acabando por atribuir aos membros desta comunidade uma identidade cultural, que os diferencia dos demais.

As aquisições culturais que identificam e determinam os comportamentos de dada comunidade acabam por manifestar-se em seu sistema linguístico. Por isso, pesquisar sobre aspectos da língua é analisar também aspectos da cultura de seus falantes, mas não é só isso, muito do falar do indivíduo só compreendido se é entendida a razão existencial deste indivíduo. Desse modo, consideremos a fala contextualizada no espaço, histórico, geográfico e cultural possibilitando, assim, fundamentar as ocorrências linguísticas de dada comunidade.

Os aspectos que distinguem uma comunidade, como a língua, convenções sociais, as construções materiais e imateriais, suas crenças, mitos, lendas, sua organização, pontuam a identidade cultural deste povo. Oliveira conceitua este sistema da seguinte forma:

A identidade cultural é um sistema de representação das relações entre indivíduos e grupos, que envolve o compartilhamento de patrimônios comuns como a língua, a religião, as artes, o trabalho, os esportes, as festas, entre outros. É um processo dinâmico, de construção continuada, que se alimenta de várias fontes no tempo e no espaço. (OLIVEIRA, 2010, n.p.)

Ainda mais é através da cultura que o sujeito se reconhece no mundo, pois a cultura é que atribui significado ao universo coletivo, e o processo de construção da identidade é dependente dessa referência cultural. “A cultura, por assim dizer, embebe o humano e o define” (SOUZA, 1995, p. 123). Sendo assim, o indivíduo e sua identidade são um produto das convenções culturais.

7. *Léxico e identidade cultural*

O levantamento de palavras em um tempo específico, em um território, em determinadas circunstâncias, é capaz de revelar a identidade cultural de uma comunidade, já que todos os fatos vivenciados por esta comunidade se realizarão no mundo da linguagem. Pensando assim, a pesquisa do léxico proporciona entender não só a dinâmica da língua mas a dinâmica da cultura que se expressa em palavras. Consideremos a partir de então que o léxico é resultado das situações comunicativas sociais dentro do campo cultural em que o indivíduo está inserido, desta forma, há o surgimento de novas palavras e atribuição de novos sentidos as palavras já existentes. Como esclarece Silva:

[...] o léxico constitui-se do saber vocabular de um grupo sociolinguístico e culturalmente definido; é o conhecimento partilhado que povoa a consciência do falante, onde esse acervo se configura como verdadeira janela através da qual o indivíduo divisa o seu entorno, ao mesmo tempo em que, ademais, revela os valores, as crenças, os costumes, os modismos que viabilizam a comunidade em que vive o usuário de tal e qual palavra. (SILVA, 2000, p. 142)

O léxico e cultura estabelecem uma relação mútua, já que é através do léxico a cultura se manifesta. Pois o léxico expressa todas as partes componentes da cultura humana, religião, lendas, histórias, crenças, arte, culinária, e a identifica como comunidade que compartilha do mesmo universo social. Assim analisar o léxico de uso comum de uma região é analisar como essa comunidade representa-se no mundo, desta forma percebemos as particularidades que identificam e distinguem essa comunidade.

8. Levantamento das lexias das obras serra dos pilões: jagunços e tropeiros e mandinga

Há vários aspectos da cultura que podem ser analisados através do levantamento de dados lexicais. A partir das obras *Serra dos pilões: jagunços e tropeiros* e *Mandinga* entendidas como regionais, organizamos uma amostragem de unidades lexicais dispostas nos dois quadros a seguir, cada uma delas com seus respectivos significados, catalogadas regionais ou não. As lexias serão dispostas em ordem alfabética, sendo as palavras registradas na forma como aparecem no dicionário *Houaiss eletrônico da Língua Portuguesa*.

Este levantamento tem como base os glossários presentes no livro *Serra dos pilões: jagunços e tropeiros* e também no *Dicionário tocantinense de termos e expressões afins*, de Liberato Povoá. Sendo expostos da seguinte forma; do romance de Lima haverá o comparativo entre os significados no Dicionário Houaiss, no dicionário do Tocantins e no glossário presente na obra. Já no romance mandiga, as unidades lexicais representadas em dois comparativos entre Houaiss e o dicionário tocantinense. A seguir, apresentamos as unidades léxicas ilustradas nos quadros:

Quadro 1: Unidades lexicais do romance “Serra dos pilões: jagunços e tropeiros”.

A			
Unidade lexical	Significado Houaiss	Significado DICIONÁRIO TOCANTINENSE DE TERMOS E EXPRESSÕES AFINS	Significado romance <i>Serra dos pilões: jagunços e tropeiros</i>
Aboiar	transitivo direto 2 fazer flutuar; pôr a boiar Ex.: <a maré enchente aboiou os barcos encalhados><a. madeira para transportar rio abaixo> transitivo direto 3 afixar à bóia Ex.: aboiou bandeiras para marcar o percurso da regata intransitivo e pronominal 4 manter(-se) à superfície da água;	Emitir, o vaqueiro, sons característicos para chamar ou acalmar o gado .	(v.i). Cantar ao gado, chamar ou acalmar o gado com canto monótono e triste.

	flutuar, boiar Ex.: <o barco aboiou por algum tempo, antes de afundar><na água salgada, abóia-se com muita facilidade> transitivo direto 5Regionalismo: Açores. lançar à distância Ex.: aboiou o dinheiro pela janela do carro		
Aboletar	Verbo transitivo direto 1. dar ² boleto ('ordem escrita') ou alojamento a; aquartelar (soldados) em casa particular pronominal 2 acomodar-se em qualquer lugar; alójarse, instalar-se Ex.: aboletou-se na casa do irmão e não saiu mais.	Agasalhar-se; instalar-se; hospedar-se.	(v.i)Acomodar-se, alójarse, instalar-se.
B			
Bacorinho	substantivo masculino 1 Regionalismo: Brasil. bácoro pequeno 2 Regionalismo: Brasil. Uso: informal. criança ou filho pequeno; neném 3 (1986) Regionalismo: Portugal (dialetismo).m.q. <i>vítelo</i>	(s.) – 1. leitão. 2. tratamento Carinhoso para criança pequena.	Diminutivo de bácaro(leitão) porco novo.
C			
Carbojeiro	–	–	(s.m) Feiticeiro, mandingueiro.

Cabroeira	substantivo feminino Regionalismo: Brasil. 1 rebanho de cabras 2 conjunto de cabras ('capanga'); cabralhada, cabrual.	(s.) - turma de jagunços; coletivo de <i>cabras</i> .	Conjunto de cabras(jagunços)
Cabungo	substantivo masculino Regionalismo: Brasil. 1 utensílio de madeira para recolher fezes 2 m.q. <i>penico</i> 3 indivíduo sem asseio e trato; cabungueiro 4 pessoa a quem não se deve dar importância; cabungueiro.	-	Pinico
Caceba	-	(s.) - traste; trambolho.	Traste, trambolho.
Cacundeiro	adjetivo e substantivo masculino Regionalismo: Brasil. 1 que ou aquele que leva cargas na cacunda ('dorso'); carregador 2 diz-se de ou animal que segue atrás da tropa 3 diz-se de ou indivíduo de classe ou posição social muito baixa 4 diz-se de ou aquele que trabalha como guarda-costas ou capanga.	(s.) – capanga; jagunço que se contrata como guarda-costas.	Jagunço, capanga, pau-mandado.
Cafioto	Regionalismo: Brasil. 1 filho; criança em geral 2 aquele que fre-	-	Macumbeiro, Feiticeiro.

	<p>qüenta terreiro de macumba ou é adepto desse culto ou de outro semelhante</p> <p>3 aquele que já é iniciado num desses cultos e auxilia o pai-de-santo nos trabalhos rituais etc</p>		
Cagão	–	(adj.) - 1. medroso. 2. sortudo	Medroso, moleiro. rã.
Caiongo	<p>adjetivo</p> <p>Regionalismo: Brasil.</p> <p>1 envelhecido, ou que tem esse aspecto</p> <p>2 que perdeu as forças; enfraquecido</p> <p>3 Derivação: por extensão de sentido. que está em declínio; decadente.</p>	-	Envelhecido, debilitado.
Cangoletê	–	–	Desmaio, chili-que.
Cangorça	<p>substantivo feminino</p> <p>1 mulher velha, feia, desajeitada</p> <p>2 Regionalismo: Bahia, Beira. égua velha; gurita.</p>	(s.) –mulher muito feia.	Mulher velha e feia.
Capadócio	<p>adjetivo e substantivo masculino</p> <p>1 relativo à Capadócia, província central da Ásia Menor, ou o que é seu natural ou habitante; capádoce, capadócio, capádoco</p> <p>2 Uso: pejorativo. que ou aquele que é pouco inteligente; ignorante; burro</p> <p>3 (1889) Regionalismo: Brasil. que ou quem é impostor; trapaceiro,</p>	-	Indivíduo à-toa, vagabundo desclassificado.

	<p>charlatão</p> <p>4 Regionalismo: Brasil. Uso: pejorativo.</p> <p>que ou quem tenta enganar os outros dando-se ares importantes; cabotino, espertalhão</p> <p>5 Regionalismo: Brasil. Uso: pejorativo.</p> <p>que ou o que tem modos de canalha</p> <p>6 Regionalismo: Brasil. Diacronismo: obsoleto.</p> <p>que ou quem canta à noite sob as janelas da namorada.</p>		
--	---	--	--

Fonte: Autoria própria

Quadro 2: Unidades lexicais do romance *Mandiga*

A		
Unidades Lexicais	Significado Houaiss	Significado DICIONÁRIO TOCANTINENSE DE TERMOS E EXPRESSÕES AFINS
Acocorada	-	(v.) - ficar de cócoras
Aluá	-	(s.) - espécie de refrigerante caseiro feito de casca de frutas cítricas, principalmente de abacaxi ou ananás.
Arapuca	<p>substantivo feminino</p> <p>Regionalismo: Brasil.</p> <p>1 armadilha para caçar pequenos pássaros; ger. uma pirâmide feita com pauzinhos ou talas de bambu; urupuca</p> <p>2 (1872) Derivação: por extensão de sentido.</p> <p>armação para surpreender, emboscar; cilada, armadilha</p> <p>3 Derivação: por extensão de sentido.</p> <p>lugar ermo ou de aspecto suspeito onde um assaltante poderia ocultar-se</p>	<p>s.) - 1. armadilha para capturar aves. 2. embuste; engodo; logro. 3. casa velha ou insegura.</p>

	<p>4 Derivação: por extensão de sentido. emprego de esperteza com a finalidade de enganar; engodo, embuste, conto-do-vigário</p> <p>5 Derivação: por analogia. casa muito velha, ou em péssimo estado de conservação, quase a desabar</p> <p>5.1 estabelecimento público, esp. casa de espetáculos, de aspecto desagradável, sujo, conhecido pelo mau atendimento ao cliente</p> <p>6 Derivação: por analogia. estabelecimentomal-afamado que trabalha com crédito, seguro, sorteios etc.</p>	
Arribar	<p>verbo transitivo indireto e intransitivo</p> <p>1 Rubrica: termo de marinha. alcançar (embarcação) a riba, margem, praia, porto ou costa; aportar Ex.: depois de sete dias de viagem, o navio arribou (à praia)</p> <p>transitivo indireto e intransitivo</p> <p>1.1 Rubrica: termo de marinha. retornar (o navio) ao porto de origem</p> <p>transitivo indireto e intransitivo</p> <p>1.2 Rubrica: termo de marinha. entrar (o navio) em porto (baía, enseada etc.) não planejado, em função de emergência ou mau tempo Ex.: <devido à avaria, o comandante resolveu a. ao porto mais próximo><por causa da tempestade, o navio a. em Montevidéu></p> <p>transitivo indireto</p> <p>2 Derivação: por extensão de sentido. chegar (em algum lugar) Ex.: caminhando, ele arribou na outra cidade</p> <p>intransitivo</p> <p>3 Rubrica: termo de marinha. desviar (o veleiro) o rumo para sotavento</p> <p>transitivo indireto</p> <p>4 não dar continuidade ao que foi</p>	<p>1. levantar; carregar. 2. sair; viajar.</p>

	<p>começado; desistir Ex.: ela arribou dos estudos intransitivo 5 mudar de região para outra; migrar Ex.: certas aves arribam frequentemente intransitivo 6 partir sem dizer para onde Ex.: ele arribou e ninguém sabe o seu paradeiro transitivo direto e bitransitivo 7 levantar, erguer, suspender (em riba, em cima de) Ex.: <ele arribou toda carga sozinho><a moça arribou a bacia à cabeça> transitivo indireto 8 mover-se em sentido ascendente; subir, elevar-se Ex.: <sua alma arribou aos céus><o militar arribou a tenente> transitivo indireto 9 chegar (ao topo de algum lugar) Ex.: a. ao telhado da casa intransitivo 10 pôr-se de pé; levantar-se, erguer-se Ex.: ele sempre arribou de madrugada transitivo indireto 11 passar além; exceder, ultrapassar Ex.: a conta não arriba de três mil intransitivo 12 estourar a boiada Ex.: o boiadeiro arribou transitivo indireto e intransitivo 13 melhorar de saúde, de sorte ou financeiramente Ex.: <a moça arribou da doença><depois de maus momentos, felizmente ele arribou></p>	
Arreado	<p>adjetivo 1 provido de arreios Ex.: cavalo a. 2 Regionalismo: Portugal. com adornos; enfeitado</p>	<p>(s.) - corda ou relho que serve para amarrar o bezerro ou pear a vaca no momento da ordenha.</p>
Amuntado	—	(adj.) - montado.

Amoitada	<p>adjetivo que se amoitou</p> <p>1 Derivação: por extensão de sentido. que se escondeu; oculto</p> <p>2 Derivação: por extensão de sentido. que se encontra abrigado; protegido</p> <p>3 Derivação: por analogia. Regionalismo: Brasil. que se encontra agachado; acachapado</p> <p>4 que se derrubou; abatido</p> <p>5 que se levou para o mato após rapto ou sedução (diz-se de moça)</p> <p>6 Regionalismo: Brasil. que se protegeu; agasalhado, defendido</p> <p>7 Regionalismo: Brasil. que formou moita (diz-se de vegetal)</p> <p>8 Derivação: por metáfora. Regionalismo: Brasil. Uso: informal. que guarda para si o que sabe, sem dizer nada</p> <p>9 Derivação: sentido figurado. Regionalismo: Brasil. firme em decisões; agarrado, seguro.</p>	De AMOITAR (v.) - esconder; retrair-se.
Arca caída		(s.) - diafragma deslocado
A-toa	<p>adjetivo de dois gêneros e dois números</p> <p>1 sem utilidade; desnecessário Ex.: um rádio à.</p> <p>2 que pode ser feito sem trabalho ou esforço; fácil Ex.: um conserto à.</p> <p>3 digno de desprezo; vil, baixo Ex.: revelou-se uma criatura à. ao enganar o próprio irmão</p> <p>4 que não tem importância; desprezível Ex.: <um pedacinho à.><uma dorzinha à.></p> <p>5 de reputação duvidosa Obs.: cf. à toa Ex.: moça à.</p>	(adj.) - 1. sem valor; sem importância.
B		

Bacé	substantivo feminino Regionalismo: Índia. 1 mulher canarim adepta do cristianismo 2 (1874) forma carinhosa com que são tratadas meninas e mulheres indianas jovens	(s.) - espécie de porco anão, que engorda com facilidade.
Baladeira	substantivo feminino Regionalismo: Acre a Pernambuco. m.q. <i>atiradeira</i>	(s.) - arma de caçar passarinhos feita de duas tiras de borracha elástica atadas em uma forquilha e unidas com uma tira de couro, onde se coloca a pedra para ser impulsionada; atiradeira; estilingue.
Badoque	substantivo masculino m.q. <i>bodoque</i>	(s.) - V. <i>bodoque</i> .
Bariru	-	(s.) - caipira; matuto; tabaréu; bobo; sem malícia.
Baixeiro	adjetivo e substantivo masculino Regionalismo: Brasil. 1 que ou aquilo que se coloca sob os arreios das cavalgaduras para proteger o lombo do animal (diz-se de manta) adjetivo Regionalismo: Norte do Brasil, Nordeste do Brasil. 2 ensinado a andar no passo travado, dito baixo (diz-se de cavalo) substantivo masculino Rubrica: agricultura. Regionalismo: São Paulo. 3 o conjunto dos galhos que ficam sob a copa das laranjeiras.	(s.) - peça de tecido grosso ou de estopa que se coloca entre a sela e o dorso do animal para proteger o espinhaço;

Fonte: Autoria própria

Este comparativo acabará por reafirmar as palavras de Oliveira neste estudo, de que as unidades lexicais dependem de vários fatores quando se trata da construção do seu significado, que uma palavra que tem determinado sentido em uma região, pode ter um sentido totalmente diferente em outra região. E ainda observamos que o regionalismo brasileiro; o brasileiro e o regionalismo regional se imbricam de forma que não saberemos

circunscrever. Por isso, a necessidade do levantamento de dados lexicais com o objetivo de delimitar as aparições regionais do português brasileiro.

9. Considerações finais

Buscamos apresentar neste trabalho a investigação feita a respeito da presença de um falar regional nas obras “Serra dos Pilões: jagunços e tropeiros” e “Mandinga”. De modo geral, o estudo demonstra na formação da literatura brasileira, a busca pela identidade nacional através das letras, que resultou na aparição de obras regionais, uma vez que, acreditava-se que no interior do país, nas figuras sertanejas, caipiras, indígenas, negros estava a genuinidade brasileira. Nestas obras regionais a utilização do português brasileiro distinto do europeu, era valorizada por seu caráter representativo de autenticidade. A construção do léxico brasileiro acentua essa discrepância, justificado pelas influências sofridas pelo português nessas terras, com contribuições, ainda que muitas vezes suprimidas, dos indígenas, dos africanos, e do contato desses com português europeu.

Ao fazer este estudo verificou-se que apesar de analisar o reflexo da língua, já que a linguagem literária tem funcionalidade diferente a da linguagem do cotidiano, sendo a língua literária sintética e utilizada com um propósito pelo autor, constatou-se que o léxico documentado nas obras literárias pode e deve ser tomado como estudo, por sua característica de preservação da linguagem e mais para contribuição para um mapa dialetal brasileiro. Como mostramos as lexis encontradas nas obras analisadas, apresentam palavras características do norte e nordeste do país, esta dedução deve se aos glossários encontrados tanto no livro “Serra dos Pilões: jagunços e tropeiros”, “Serra dos Pilões: jagunços e tropeiros” quanto na tese de doutorado de Cruz (2008), *Serra dos pilões: jagunços e tropeiros e Mandinga: uma literatura de formação do Tocantins* e ao *Dicionário tocantinense de termos e expressões afins*, de Liberato Povoá.

A análise a partir do dicionário Houaiss, mostrou que, em sua maioria, as lexis apresentam-se como brasileirismo, isso deve se à relação ainda recente entre a elaboração das obras de língua geral e os trabalhos do Atlas Linguístico do Brasil.

A partir da amostragem de unidades lexicais apresentada, pretendemos mostrar que as palavras têm uma ligação com a terra e a sua gente. O ambiente, a atividade econômica, as relações sociais e outros fatores são re-

velados através da linguagem e singularizam este falar, que através da literatura é mais que documentado e valorizado, é homenageado. A literatura é mais que autotélica, é fonte de conhecimento linguístico, e a literatura regional apresenta em suas páginas mais que referências locais, sua matéria prima, a palavra, está carregada de tradição, história e, por sua vez, identidade do ser regional.

Nesse sentido, o léxico local observado nas literaturas de formação do estado do Tocantins, “Serra dos pilões: jagunços e tropeiros”, de Moura Lima, e “Mandinga”, de Liberato Povoá, apresenta-se nas obras com intuito de preservação da língua dialetal e valorização da terra e dos agentes da fala local. As palavras representam o mundo do tocantinense.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALDAS, Waldenyr. *Cultura*. 5. ed. São Paulo: Global, 2008.

CÂNDIDO, Antônio. *Iniciação à Literatura Brasileira*. (Resumo para principiantes). São Paulo: Humanitas; Livraria-FFLCH/USP, 1999.

CRUZ, José Manoel Sanches da. *Serra dos pilões – jagunços e tropeiros e mandinga: uma Literatura de formação no Tocantins*. Tese (Doutorado em Estudos Literários). Universidade Federal Fluminense, Centro de Estudos Gerais, Pós-Graduação em Letras: Niterói-RJ, 2008. 150 f.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio da Língua Portuguesa*. 6.ed. Curitiba: Positivo, 2007.

FERREIRA, Raphael Bessa. Léxico Amazônida e Poética Amazônica em Altar em chamas, de Paes Loureiro. In: FARGETTI, Cristina Martins; MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo; NADIN, Odair Luiz (Org.). *Léxico e Cultura*. Araraquara: Letraria, 2015. p. 33-7

HOUAISS. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Achegas para a discussão do conceito de regionalismos no português do Brasil. In: *Alfa*, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 9-24, 2006.

LIMA, Moura. *Serra dos Pilões: jagunços e tropeiros*. 3. ed. Gurupi: Cometa, 2001.

OLIVEIRA, Ana Maria Pires Pinto de. Brasileirismos e regionalismos. In: *Alfa*. São Paulo, v. 42, p. 9-24, 1998.

OLIVEIRA, Ana Maria Pires Pinto de. O português do Brasil: brasileirismos e regionalismos. 1999. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista: Araraquara, 1999.

OLIVEIRA, Lúcia Maciel Barbosa. *Dicionário de direitos humanos*. Brasília: MPU, 2010. Disponível em: <http://escola.mpu.mp.br/dicionario/tiki-export_pdf.php> Acesso em 31 de outubro de 2018.

PÓVOA, Liberato. *Mandinga*. Goiânia: Tocantins, 1998.

SALLES, Heloisa Maria Moreira; FAULSTICH, Enilde; CARVALHO, Orlene Lúcia; RAMOS, Ana Adelina Lopo. *Ensino de Língua Portuguesa Para Surdos*: Caminhos para prática pedagógica. Brasília: MEC, SEESP, 2004.

SILVA, Maria Emília Barcellos da. O dinamismo lexical: o dizer nosso de cada dia. In: AZEREDO, J.C. de (Org.). *A língua portuguesa em debate*: conhecimento e ensino. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUZA, Sonia Maria Ribeiro de. *Um outro olhar*: filosofia. São Paulo: FTD, 1995.

TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis. Representação do sertão baiano em seara vermelha, de Jorge Amado: o campo lexical dos trabalhadores. In: FARGETTI, Cristina Martins; MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo; NADIN, Odair Luiz (Org.). *Léxico e Cultura*. Araraquara: Letraria, 2015. p. 65-71

URBANO, Hudinilson. *Oralidade na Literatura* (O caso Rubem Fonseca). São Paulo: Cortez, 2000.